

“Santa Carminha”: devoção silenciosa através de gerações¹.

Autores: Cláudia Brito e Gládis Linhares²

Docentes/pesquisadoras: Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp). Campo Grande (MS).

Resumo:

O trabalho pretende (re) contar a história de Carminha, uma menina que foi estuprada e morta em Campo Grande, Mato Grosso, no início do século XX, assim como o culto à “Santa Carminha” que, a partir deste episódio se iniciou. Aspectos socioeconômicos aliados à dimensão religiosa, muitas vezes oculta, orientam e dão significados a muitos levantes do passado e do presente, justificando a pluralidade tanto local quanto nacional. Através de observação sistemática e de entrevistas, pretende-se descrever os fatos ocorridos desde a morte de Carminha passando pela construção, de uma capela, no local do crime, e de peregrinações contínua e silenciosa dos devotos. Além da utilização de arquivos de jornais a fim de conferir visibilidade que a imprensa confere ao fato. A devoção a “Santa Carminha” percorre décadas com a repercussão oral das graças alcançadas.

Palavras-chave: Cultura; Tradição; Religiosidade; Processos Comunicacionais

¹ Trabalho apresentado no NP 17 – Folkcomunicação no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² **Cláudia Brito** – graduada em Ciências Sociais e especialista em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná(UFPR) e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul(UFMS). Autora do livro “Escola de japoneses a construção da etnicidade em MS”. Atualmente é docente nos cursos de Pedagogia e Comunicação Social da Uniderp.

E-mail:claudiadebrito@terra.com.br

Gládis Linhares – graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e doutoranda em Comunicação Social pela UMESp. Autora do livro “Televisão no imaginário dos índios Terena”, lançado em 2000 pela editora da Uniderp e de artigo publicado no livro Mídia do Pantanal, lançado em 2001, pela editora da Uniderp. Atualmente é docente no curso de Jornalismo da Uniderp.

E-mail: glinhares@uol.com.br

A gênese da fé

O Estado de Mato Grosso do Sul, é resultado do desmembramento de Mato Grosso, foi criado em 1977 e tem Campo Grande como capital. De acordo com dados do Censo Demográfico de 2000, o Estado possui um total de 2.078.070 habitantes, destes 1.444.579 declaram-se católicos. Em Campo Grande a população é de 663.621 habitantes com 424.376 católicos. Portanto, em 2000, são 69,52% da população. É um número considerável, apesar de mostrar uma queda significativa se comparado aos anos de 1970 quando de cada 100 habitantes nos municípios localizados no território que hoje pertence ao Mato Grosso do Sul, 90 declaravam-se católicos. Característica que acompanha o cenário nacional.

Os motivos elencados são variados, entre eles o surgimento e até mesmo o fortalecimento de outros grupos religiosos, como por exemplo, os evangélicos, apontando para uma migração dos católicos. Ainda nos valendo dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística outra constatação é o crescimento significativo dos declarados sem religião, ateus ou não. No período dos anos de 1980 a 2000, houve um crescimento de 22 mil para 165mil, acusando um aumento de quase oito vezes.

Os números de certa forma podem apontar para uma procura da população por respostas ainda não satisfeitas dentro dos ritos religiosos estabelecidos. Fazendo um recorte na linha de pensamento, vamos abordar as manifestações religiosas espontâneas carregadas de valor simbólico, mas que, são atendidas dentro do campo da materialidade. Situações como os circuitos terapêuticos alternativos e o movimento da “Nova Era” que enfeixa aspectos sociais, culturais, sobretudo religiosos e terapêuticos, ganham espaço neste contexto.

Cada expressão religiosa se desenvolve num curso histórico, e ali é polivalentemente significativa. Uma seqüência ritual, entendida aqui como procedimentos que vão desde o pedido com o compromisso de cumprir algo, na dependência de que seu pedido seja atendido, passa a ser mais leiga, outra passa a ser mais eclesiástica. Os ritos normalmente apontam para melhorias, sejam elas na saúde de uma maneira geral, melhorias psicológicas, emocionais, estéticas, espirituais. Estes ritos estão impregnados de suas culturas, projetos de vida, sua espiritualidade.

A modernidade acarreta mudanças nas práticas ou ritos religiosos. A atividade ritual divide espaço com as outras atividades sociais na fala de Diego IRARRÁZAVAL (1993, p.140) “ora-se ao santo, corre-se para obter trabalho, busca-se ajuda de um compadre, ou de um familiar”, este modo de vida faz com que a ação do rito seja momentânea, individualista, e segregada da comunidade, fechada no religioso. Além das influências externas estes ritos também têm sua dinâmica própria, cada rito assume contornos que os singularizam.

A relação promessa-proteção estabelecida entre o santo e quem faz o pedido, fica explícita quando do pedido é satisfeito - pelo santo- e a promessa cumprida - pelo pedinte (fiel). Estas manifestações têm correlação com fatores sócio-culturais. O que representa uma vela acesa, em altar urbano, ao ar livre, captador de devoções? Seria a chama que representa o fiel em cumprimento à promessa feita em agradecimento à graça alcançada.

É fato e diversos estudos apontam que a descoberta do fogo foi um “divisor de águas” na história da humanidade. O fogo potencializou as transformações sociais acelerando o processo de humanização. O fogo ao mesmo tempo que protege e aquece, ilumina e possibilita o cozimento dos alimentos. Simbolicamente o fogo, ou a vela que se acende, pode significar e atender diferentes propósitos como purificar e regenerar, sobretudo trazer luz à escuridão. No Livro Sagrado o fogo é sinal da presença e ação do criador. Para tanto, acendem-se velas para Deus ou para os santos.

O interesse no desenvolvimento deste trabalho está pautado, principalmente, na ausência de estudos, sistematizados, em Mato Grosso do Sul, relacionados com a religiosidade popular. As manifestações religiosas espontâneas aos “santos” locais tem, no Estado de MS, poucos representantes. Através de pesquisas nos arquivos históricos localizamos registros ao culto à Tia Eva, uma escrava, oriunda de Minas Gerais que, deslocou-se com duas filhas e, apresentando dificuldades de locomoção, em razão de uma ferida na perna, é curada ao fixar-se na região que, originou a comunidade de São Benedito.

Gerações, por meio da tradição oral, criaram e transmitiram o mito de *Tia Eva e o compadre Adão* que, representaram a gênese da comunidade de negros nesta região. Como parteira, Tia Eva, tornou-se popular e foram atribuídas muitas graças a esta ex-escrava, em retribuição às graças alcançadas, ela mesma, com a ajuda dos moradores, construiu uma Igreja em homenagem a São Benedito.

Outra personagem que durante a sua vida realizou muitos feitos de bondade foi Lino Vilachá, portador de hanseníase desde os doze anos de idade e morador do hospital São Julião. Após a sua morte no ano de 1994 um grupo de pessoas iniciou o processo de canonização, que não foi adiante por falta de estrutura financeira.

Como objeto de nosso estudo encontramos a história de *Santa Carminha* que será analisada neste trabalho. A pesquisa transcorre objetivando localizar e identificar referências nos diversos locais onde possam ser encontradas fontes primárias, para sustentar os dados históricos e depoimentos que posicionam a devoção e o culto a Santa Carminha, no decorrer de cinco décadas.

Através de entrevista semi-estruturada, como técnica, com algumas orientações da história oral, consolidamos a pesquisa de campo. Os resultados alcançados apontam para a confirmação da devoção a algo (ou alguém) não conhecido, onde a graça alcançada, o pedido atendido é atribuído ao poder desta menina que foi morta de forma violenta. Poder este, defendido pelos devotos como atribuídos pela força e interseção de Jesus Cristo.

Santa Carminha: a construção de algo que se tornou sagrado.

“Santa Carminha, vós que conheceis os meus sofrimentos e preocupações, alegra-me que irei vencer. Eu não esquecerei de louvar-te, glorificar-te. Rezarei três Pai Nosso, três Ave Maria, três Glória ao pai. Santa Carminha rogai por nós”.

Há quase 100 anos, em Campo Grande, atualmente localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, uma menina com ascendência italiana foi estuprada e assassinada pelo padrinho, sendo o corpo abandonado em um local em que apenas havia mato em volta.

Segundo transmissão oral, em 1908, após três dias de buscas exaustivas, um transeunte, encontra o corpo de Carminha já em decomposição. O fato abalou a cidade de Campo Grande que, à época apresentava uma população que se estimava entre 4.112 e 6.165 habitantes³, e que tinha como característica a tranquilidade com acontecimentos oriundos e pautados no fluxo de imigrantes que se deslocavam para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – NOB, ou posteriormente na construção dos quartéis, além do intenso comércio de gado o que confere a cidade um entreposto comercial importante.

³ Campo Grande 100 anos de construção

Segundo informações relatadas por Américo CALHEIROS (1986, p.69), “a população campo-grandense ficou revoltada com o hediondo crime e, quando o assassino foi descoberto, o povo enfurecido promoveu o seu linchamento”. A família da menina ficou desestruturada, tendo o pai enlouquecido e a mãe, posteriormente falecido.

À época era bastante comum a fixação de uma cruz no local em que crimes e acidentes ocorriam. Foi o caso de Carminha. No local do crime foi instalada uma cruz⁴ e, como afirma Florência Gonçalves de BARROS (2005)⁵ uma das depoentes “[...] antigamente a cruz era muito venerada. Não tinha igreja. A gente, quando era feriado, a gente ia fazer terço na cruz”.

Para Carlos R. BRANDÃO (1986) a morte sempre exerce fascínio no convívio coletivo uma vez que expõe ao drama da finitude humana. Algumas mortes provocam comoção social, sobretudo quando se trata de chacinas ou assassinatos como é o caso analisado. Uma menina “comum” é vítima de estupro seguido de morte. Há uma identificação pela proximidade. Estes fatos ganham repercussão e povoam o imaginário das pessoas através da comunicação oral, ampliado pela afirmação e visibilidade periódicas que a mídia possibilita. De uma certa maneira a mídia também pode servir de meio para reafirmar e revalidar os fatos.

A situação exposta associada à religiosidade nacional que se singulariza nesta região, em razão da formação multiétnica, foram os componentes para a longa, contínua e silenciosa devoção à Santa Carminha. A crença nos milagres realizados e graças recebidas perpetuaram até então, tornando esta situação tão corrente quanto aos santos oficiais.

O pensamento de Félix COLUCCIO (1994), folclorista argentino, descreve a gênese e formas particulares das devoções. Em seus estudos, realizou uma classificação da construção de “santos” não-canônicos. Na referida relação localizamos a situação de Santa Carminha como parte da categoria “vítimas de morte violenta ou injusta”. Dela fazem parte três grupos: o primeiro constituído pelos *anjos*, isto é, crianças que faleceram ainda na primeira infância, vítimas de abandono ou de outras formas de desatendimento; um outro grupo é constituído de *vítimas inocentes*, adolescentes e adultos espancados, estuprados e assassinados; nesta categoria é elevado o número de mulheres; finalmente aparecem

⁴ Alguns informantes argumentam que a menina foi enterrada no local do crime.

⁵ Entrevista concedida a Gladis Linhares no dia 29 de março de 2005

peças de *vida errada* – bandidos e prostitutas cujos devotos acreditam que tiveram oportunidade de arrepender-se e obter perdão dos pecados *in extremis*.

Há um entendimento de que são considerados santos aqueles que depois de humanos, foram elevados aos céus, em razão da conduta exemplar que tiveram na terra. Através deles as pessoas devem obter ajuda para seus problemas. Os santos são uma possibilidade de acesso a Deus. Para alguns são considerados intermediários. São organizadas romarias, peregrinações, procissões, cultos, ou então promessas individuais, objetivando, através dos santos, atingir a graça almejada e solicitada.

O culto aos mortos sempre esteve ligado à devoção popular. Manifesta através de oferendas, flores, velas, mensagens depositadas junto aos túmulos, em volta de cemitérios, caracterizando o fenômeno comunicacional.

Podemos nos aproximar do pensamento da pesquisadora Maria Augusta MACHADO DA SILVA (1981, p.36), quando nos esclarece que “a prática votiva católica, a relação com a divindade caracteriza-se pelo individualismo, ou seja, as peças assinalam uma vinculação ‘direta’ entre o devoto e o santo de sua devoção”. É uma relação direta e única no sentido de ser solitária. A relação que se estabelece é entre o indivíduo e a entidade protetora, representada pela figura do santo. A unidade que poderá solucionar a sua necessidade, momentânea ou não.

As manifestações religiosas populares já foram consideradas pagãs, ou até mesmo prova de ignorância religiosa, atualmente, são vistas como expressões populares de fé. A autora afirma ainda que o homem está mais propenso a cultuar os mitos da imortalidade, da eterna juventude, da saúde perfeita, da sorte e seus azares - atributos dos heróis e semideuses, cuja característica comum é o relacionamento direto com as divindades.

Seguindo esta linha de pensamento, podemos nos apropriar da conceituação dos termos voto e ex-voto para elucidar os atos que acontecem nos locais de devoção. Estes, podem ser denominados através das práticas universais e constituem manifestações além da liturgia, fazem parte das relações do pedinte com a divindade ou seus agentes.

O *voto* caracteriza-se como ato anterior à graça desejada, acontece como tributo de fé. O *ex-voto* é a prática posterior à graça alcançada, como testemunho público, contemporâneo, não só da força da divindade, mas também como forma de gratidão de

quem recebeu o milagre. Serve também como demonstrativo aos outros fiéis não atendidos que ele obteve a graça especial.

Os *ex votos* de uma certa forma são responsáveis pela manutenção e prosseguimento da devoção em tal santo, em tal divindade. “o seu aspecto testemunhal exige um processo de comunicação social. Por esta razão, o *ex-voto* é colocado em local público ou de acesso coletivo”(1981,p.17).

Existe uma série de formas testemunhais dentre elas as esculturas em madeira ou de cera das partes do corpo curada, objetos como muletas, óculos, cadeira de rodas, cadernos escolares, ofertas de velas, flores, ofertas de bens destinados à construção de capelinhas, jóias, entre outros.

Segundo a zeladora que é responsável, pela capela construída junto à antiga cruz para o culto a Santa Carminha, há mais de cinquenta anos, além da construção do local do culto, muitas bonecas, roupas, fotografias, cartas e muletas são depositadas em agradecimento às graças recebidas. A zeladora relata que os ex-votos, posteriormente são distribuídos para pessoas carentes. Durante entrevista realizada, quando questionada sobre o destino dado aos objetos ali oferecidos, informa que pede permissão à Santa Carminha e:

“(...) eu tiro (...) o que traz muito é boneca. (...) eu junto e fim do ano eu levo para creche (...) Santa Carminha, isso não te faz falta, então eu vou levar pras crianças na creche (...) se não, às vezes criança passa aí, enxerga, chora, quer a boneca. A mãe, às vezes, de orgulho, nem quer aceitar. Aí eu falo pra ela [para a mãe], a senhora tem que aceitar porque vai ver que é Santa Carminha que tá dando pra ela, essa boneca. Por isso ela até tá chorando. Então não deixa a criança chorar”. Porque uma coisa..., é pra dar mesmo isso aí. Porque ela [Santa Carminha] vai fazer o que com boneca? Ela tá num lugar bonito, que não precisa de nada daqui da terra. Então vem roupa de criança também. Tudo isso eu dou pras creche...”

As inúmeras pesquisas realizadas acerca de religiosidade remetem a relação que se estabelece com o santo, uma relação de troca, de reciprocidade. Alba ZALUAR (1989, p.88) em uma pesquisa sobre santos e festas populares afirma que:

“Para obter ajuda dos santos, os homens ligavam-se socialmente com eles, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação em que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas. A idéia de reciprocidade está contida na categoria promessa, e a forma pela qual ela era pensada e efetivada nas comunidades estudadas pode revelar-nos características das próprias relações sociais que os homens estabeleciam entre si. A categoria promessa denotava ao mesmo tempo o pedido feito ao santo, a dívida a saldar e a efetivação do pagamento ao santo, especialmente quando se tratava de ex-votos também chamados de promessa”.

Marcel MAUSS (1974), no consagrado “Ensaio sobre a dádiva”, que trata do sistema de dádivas contratuais, esclarece que são trocas de presentes entre chefes por ocasião de casamentos, nascimentos, enfermidades, ritos funerários, entre outros. Um dos temas pontuados no ensaio remete-se aos presentes feitos aos homens em vista dos deuses e da natureza.

“As trocas de presentes entre os homens homônimos, ‘name-sakes’ de espíritos, incitam os espíritos dos mortos, os deuses, as coisas, os animais e a natureza a serem ‘generosos para com eles’. A troca de presentes produz abundância de riquezas – explicam” (1974, p.60).

Outros povos que por meio de

“[...] cerimoniais de ações de graça que, numerosas no inverno, sucedem-se em todas as habitações, uma após outra. Os restos do banquete de sacrifício são lançados ao mar ou espalhados ao vento; são devolvidos à terra de origem e levam consigo os animais de caça mortos no ano, que voltaram no ano seguinte” (1974,p.62).

Como tradição europeia (1974, p.62), “crianças mascaradas vão de casa em casa pedir ovos e farinha, não se ousando recusa-los”. As trocas entre homens e deuses são históricas. Aprofundando a pesquisa, MAUSS (1974, p.63) afirma que, “acredita-se que é aos deuses que é preciso comprar, e que os deuses sabem retribuir o preço das coisas”.

E, ainda, “As dádivas oferecidas aos homens e aos deuses têm também por fim comprar a paz para uns e outros. Afastam-se assim os maus espíritos (1974, p.65). Diante do exposto, o autor afirma, sobretudo, que diversos grupos sociais, de diferentes maneiras estabelecem e seguem a orientação da “troca-dádiva” como regra.

Confirmando este pressuposto, os devotos de Santa Carminha a cada ano fazem rotineira e continuamente o mesmo ritual de promessa e a resposta esperada é a solução do problema. Dentre inúmeros ex votos selecionamos a de uma mãe de três meninas que fez a promessa para uma das filhas e na mesma ocasião pede também para as outras duas. O texto estava escrito em uma foto deixada na capela. Tomamos a liberdade de transcrever na íntegra:

“Eu Luzinete fiz uma promessa para a minha filha Rosevania para ela parar de inchar. Ela ficou mais de três anos sem inchar. Mas eu não paguei a promessa, então ela voltou a inchar. Por isso peço perdão e vou pagar a minha promessa. E pedir que ela seja esse milagre mais uma vez por toda a vida. Eu vou tornar a fazer a promessa e vou pagar. Eu peço a graça para as minhas três

filhas: Rosevania, Roseli e Sissica, e para mim, Luzaneide que estou com mioma e espero que não precise operar. Santa Carminha, por favor, abençoe minha casa e meus pedidos e que nós sejamos muito felizes e para a minha Rosevania que tenha um bom estudo em matemática e crie juízo, Amém”.

Outro ex voto deixado na capela é de uma foto onde mais uma mãe vem pedir para que a filha volte a ter a alegria e saúde, e para isso promete fazer a novena e agradece antecipadamente a graça recebida. Mais uma entre as inúmeras cartas, bilhetes e fotos deixadas na capela é de uma menina que ficou com os cabelos compridos durante o período do pedido da graça. Também é possível registrar várias fotos com agradecimentos de curas de doenças, atribuídas à Santa Carminha.

Nos arquivos do jornal Correio do Estado foram encontradas duas reportagens, uma publicada em setembro de 2000 e outra em abril de 2005.

A reportagem do ano de 2000, publicada no dia 03 de setembro com o título “Relatos populares mantêm vivo o culto a Santa Carminha”, conta a história do fato ocorrido com a menina, também a dedicação de Dona Florência na conservação do local, contendo depoimentos de devotos garantindo que são atendidos em seus pedidos. Além disso, menciona uma situação curiosa contada por alguns devotos que a chamam de Santa Carminha de Cássia, uma fusão com Santa Rita de Cássia, atribuído ao fato de não se ter conhecimento a respeito do nome completo de Carminha.

Esta situação reforça a reflexão do historiador Eric Hobsbawm acerca das tradições quando afirma que estas são reinventadas. Através das gerações as tradições sofrem influências, histórias e estórias são associadas aos fatos ocorridos, caracterizando que a memória social é uma construção coletiva. Valendo afirmar que a memória é também seletiva.

Mais um aspecto levantado é quanto à procura dos estudantes principalmente em épocas de início de ano, vestibular e exames finais, os agradecimentos são materializados com “o oferecimento de cadernos, canetas, lápis, borrachas, livros e outros materiais escolares, em retribuição à recuperação de notas e mesmo à aprovação no ano letivo e concursos”. Representando uma fonte de auxílio em momentos difíceis. Esta mesma reportagem registra uma oração diferente da citada acima, esta, atribuída à Santa Carminha de Cássia,

Oh! Santa Carminha de Cássia, vós que conheceis todos os meus problemas, todas as minhas angústias, meus desesperos e minhas preocupações, ajudai-me a vencer, rogai por mim a fazer o pedido e a rezar.

A outra reportagem publicada no Jornal Correio do Estado foi no dia. 20 de abril de 2005. Mostra a situação dos possíveis canonizáveis de Campo Grande entre eles os já citados por nós Tia Eva, Lino Vilachá e o relato da existência do culto a Irmã Redentora que morreu vítima de câncer e que durante a vida teve virtudes consideradas de santa.

Além destas duas reportagens, a zeladora, Dona Florência nos forneceu um recorte de jornal, sem confirmação do ano de publicação, nem o nome do jornal, com o título “Santa Carminha: crendice popular é parte do folclore da capital”, onde a reportagem descreve a pequena capela lotada de oferendas, preces, velas, como um local de peregrinação, de manifestações, de crenças populares. Relata que o local é visitado por pessoas dos mais diversos credos e níveis sociais, incluindo o depoimento de Dona Florência, quando afirma que “o sonho destas pessoas é que o poder público destine mais atenção ao oratório popular, [...] pelo valor cultural e folclórico a capela deveria ser mantida com verbas próprias, do governo estadual, em parceria com o município”.

Talvez esta seja uma reivindicação até então velada quando crenças ditas populares ou definidas enquanto tal, andem na contramão dos recursos públicos ou filantrópicos, à medida em que a igreja não reconhece alguns cultos populares como componente da mesma.

Procedimentos metodológicos: os caminhos percorridos

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos procedimentos da pesquisa qualitativa complementados através de algumas orientações da história oral, com o registro de relatos de devotos passantes pela Capela, assim como da zeladora, responsável pela mesma, por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas, com a técnica do gravador e registro em câmera Mini DV.

Utilizamos a organização de documentação de apoio para a reconstituição histórica do caso que está embasada em recortes de jornais locais, bem como pesquisas realizadas no Arquivo Histórico Municipal de Campo Grande, além de documentos em cartório, e registros localizados na primeira delegacia de Campo Grande. O acompanhamento e

observação direta com visitas periódicas à capela possibilitaram a compreensão das questões em estudo.

Além disso, procuramos a Arquidiocese de Campo Grande objetivando registrar o posicionamento da Igreja com relação ao fato, mas não fomos atendidos durante o período transcorrido para a realização desta pesquisa.

Como técnica integrante da estratégia metodológica eleita, Antonio Carlos GIL (1995, p.113) afirma que, enquanto técnica de coleta de dados a entrevista é bastante adequada para obtenção de informações, considerada por muitos autores como a técnica de excelência na investigação social devido à sua flexibilidade e, ainda, “parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi graças à sua aplicação”.

Augusto TRIVIÑOS (1987p. 146) também recomenda a entrevista como um dos principais meios para a realização da coleta de dados, esclarece que a entrevista semi-estruturada valoriza a presença do investigador além de oferecer todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias. Desta maneira o informante passa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. Portanto, podemos afirmar que se constitui em processos de retroalimentação.

A documentação também é apontada por diversos metodólogos como relevante, e deve ser objeto de planos explícitos da coleta de dados. Podem ser cartas, memorandos, relatórios escritos de eventos, documentos administrativos como propostas, estudos de avaliações formais do mesmo “local” sob estudo, recortes de jornais e outros artigos publicados pela mídia. Os registros em arquivos irão variar de um estudo de caso para outro. Para alguns estudos estes se tornam tão importantes que acabam se transformando no objeto de uma ampla restauração e análise, como também podem ser de importância superficial. Um dos objetivos do nosso trabalho é o de mostrar, através da mídia impressa, a visibilidade dos cultos religiosos que são mantidos popularmente.

A nossa pesquisa se pautou no arquivo do jornal Correio do Estado o mais antigo de Campo Grande, em circulação desde o ano de 1950. O referido arquivo durante os primeiros meses do ano de 2005, encontrou-se fechado para consulta dos anos anteriores a 1990, portanto, foi possível a realização da pesquisa somente a partir de 1990. Totalizamos duas reportagens localizadas, uma publicada no ano de 2000 e outra sugerida por nós, em abril de 2005.

Para finalizar o registro dos procedimentos metodológicos adotados, como toda pesquisa que envolva trabalho de campo, retomamos algumas orientações da pesquisa etnográfica que tem como expoente máximo o antropólogo Malinowski, uma vez que realizamos a “observação participante” e, utilizando como aporte teórico os princípios metodológicos designados pelo antropólogo que são:

1. Estabelecer objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna [para a coleta dos dados];
2. o pesquisador deve assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos;
3. aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidência.

Para ele um trabalho etnográfico não se reduz a uma coleta de fatos, pois os fatos não falam por si “[...] a etnografia descritiva é estreitamente dependente das teorias conhecidas e aceitas pelo investigador e que a informação pode ser útil ou inútil conforme os princípios teóricos estejam corretos ou não”.

Guardadas as devidas proporções, uma vez que não nos transferimos para uma terra distante ou ilha no Pacífico, à moda de Malinowski, reconhecido como o mestre dos mestres para o entendimento e realização do trabalho de campo, adotamos sobretudo a orientação do pesquisador quando afirma “[...] só se pode obter êxito através da aplicação sistemática e paciente de algumas regras de *bom-senso*[...]” (1978, p.20).

Dessa forma, o acompanhamento, algumas visitas e participação em algumas atividades possibilitaram o acesso aos informantes e, nesta esteira, reproduzindo o que a antropóloga Eunice Ribeiro Durham, parafraseou de Malinowski, na verdade realizamos uma “*participação observante*”.

Alcançando a graça

A religiosidade do sul-mato-grossense, como explicitado no corpo do trabalho, assume contornos específicos, sobretudo por se tratar de um Estado com diversas fronteiras caracterizando um fluxo grande de pessoas que, com suas idas e vindas, constroem a cultural local e contribuem para suas constantes transformações.

Partindo do pressuposto da dinâmica cultural, e de que a cultura é como um receituário, um mapa de como são estabelecidas as relações sociais de uma dada sociedade, neste trabalho pinçamos um aspecto – a religiosidade, dentro do caleidoscópio que caracteriza toda e qualquer sociedade, neste caso específico, a sociedade campo-grandense.

Neste contexto, munidas deste receituário, localizamos uma história de crença e fé, em Santa Carminha que, há quase um século, persiste e leva gerações à Capela construída em sua homenagem. Dessa forma perseguimos o objetivo de desvelar e registrar esta história. Quando, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, tivemos a oportunidade de observar a quase ausência de registros sobre este fato e, foi através da oralidade, quando produzimos as fontes para este trabalho, que foi possível reconstruir a trajetória de Santa Carminha.

Trata-se de uma peregrinação contínua e silenciosa dos devotos que ao atingirem as graças desejadas dão visibilidade às suas crenças e tradições. A relação de troca que se estabelece com os “santos”, a reciprocidade, estão presentes nos diálogos velados, nos cânticos, nos ex-votos, nas promessas e orações elaboradas.

Os processos comunicacionais são explicitados por meio do pagamento das promessas quando são oferecidas velas, brinquedos, fotografias, demonstrando e perpetuando o *modos vivendi* de cada sociedade e os diferentes grupos que a compõem. Todo este culto, de muitos devotos, de uma certa forma são pouco representados pela mídia.

No caso de Santa Carminha, diferente de vários locais de peregrinação como os elencados por Luiz Câmara CASCUDO (1974) no livro *Religião do Povo* os “santos” não canônicos de diferentes regiões do Brasil apresentam santuários como o do Padre Cícero Romão Batista, do Ceará, Irmãos Meira (Afuzilados) do Rio Grande do Sul, Mãe Marcelina no Maranhão, Padre João Maria, no Rio Grande do Norte, além de Nossa Senhora Aparecida no estado de São Paulo têm locais de peregrinação com datas comemorativas, o que de certa maneira orienta os devotos para um grande momento para fazer os pedidos e agradecimento às graças.

No caso em estudo não existe uma data específica de morte, de aniversário, de louvor que propicie o encontro destes fiéis, o que dificulta uma exposição maior destes

milagres, destas graças à mídia, inexistindo, portanto uma indústria do milagre ancorada na mídia. Outros fatores também devem ser determinantes para a exposição, mas neste caso específico podemos atribuir a pouca visibilidade à inexistência de data comemorativa, que propicie a aglomeração de devotos, despertando a atenção da mídia.

Um olhar atento para estas manifestações culturais, muitas vezes silenciosas, além do registro, dimensiona e dá visibilidade a diversidade cultural.

Santa Carminha, embora não canonizada ou ainda não canonizada revela muito da sociedade sul-mato-grossense.

Referências Bibliográficas

BENJAMIM, Roberto. Devoções populares não-canônicas na América-Latina: uma proposta de pesquisa. In:GT Folkcomunicación. 2002, Santa Cruz de La Sierra -VI **Congresso Latino Americano de Ciências de La Comunicacion Y Sociedad: um dialogo para la era digital**. Bolivia: ALAIC,2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CALHEIROS, Américo. **Memória de Jornal** Campo Grande: Gráfica do Centro Cultural do MS, 1986. 86p.

CAROZZI, Maria Julia (org). A Nova Era: no Mercosul. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

CASCUDO, Luis Câmara. **Religião do Povo** João Pessoa, Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.

COLLUCIO, Félix. **Cultos y canonizaciones populares de Argentina**. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1994.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GONZÁLES, José Luis; BRANDÃO, Carlos Rodríguez; IRARRÁZAVAL, Diego. **Catolicismo Popular história, cultura, teologia**. Serie VII desafios da religião do povo. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1993.

MACHADO DA SILVA, Maria Augusta. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (os Pensadores).

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

RELATOS Populares mantêm vivo o culto a Santa Carminha. *Correio do Estado* Campo Grande, 03 set. 2000. Campo Grande

ROCHA, Graciliano; SILVESTRE Fabiana. **A nova cara da religiosidade em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, abril 2005. Disponível em <<http://www.campogrande.news.com.br/versãoimpresa.htm?id=282423>>. Acesso em: 16 abril 2005.

ROCHA, Oscar. Os santos nossos de cada dia. **Correio do Estado**. Campo Grande, 20 de abr. 2005. Caderno B

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1990.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

YIN, Robert. **Estudos de caso: planejamento e método**. 2ªed. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205p.